

Universidade de Lisboa



Mestrado em Ensino de Economia e Contabilidade

Ficha de Leitura do texto “O vídeo na sala de aula” de Morán, José Manuel (1995). In *Comunicação & Educação*. São Paulo, ECA-Ed. Moderna, [2]: 27 a 35, jan./abr. de 1995

UNIDADE CURRICULAR: Novas Tecnologias no Ensino das Ciências Sociais

Docente: Professor Doutor Tomás Patrocínio

Discente: Sandra Mota

Lisboa, 7 de novembro de 2019

Breve resumo do texto

O texto em análise, “O vídeo na sala de aula”, faz referência à complementaridade de informação que o vídeo traz para a sala de aula. Apela ao uso adequado do vídeo em diversos contextos e aos benefícios inerentes para o processo de aprendizagem. Também chama a atenção para o uso inadequado e respectivas implicações na aprendizagem dos alunos. Descreve o procedimento a tomar no seu visionamento antes, durante e após a exibição. Por fim, propõe algumas dinâmicas de análise que podem ser implementadas.

Palavras-Chave

Uso inadequado do vídeo, uso adequado do vídeo, visionamento do vídeo, dinâmicas de análise.

Desenvolvimento

O autor do texto em análise refere que o vídeo ajuda o professor e atrai os alunos, pois ao ser um meio de transmissão de informação completo – sensorial, visual, linguagem falada, linguagem musical e escrita – para além de nos seduzir, mexe com os nossos sentidos. É um meio de informação, entretenimento, projeção para outras realidades, outros tempos e espaços.

Propõe algumas formas de usar o vídeo em sala de aula, devendo o professor de ter o cuidado de as adaptar à sua realidade e à dos seus alunos.

Faz referência ao **uso inadequado do vídeo** em contexto educativo e identifica alguns desses usos, nos quais o professor não deve incorrer sob pena de desvalorizar o seu uso, a saber: *vídeo tapa-buraco* – usado quando ocorre um problema inesperado. Não deve recorrer-se ao seu uso com frequência, pois será desvalorizado pelos alunos; *vídeo-enrolação* – quando o vídeo não está relacionado com a matéria e os alunos se apercebem disso; *vídeo-deslumbramento* – quando o professor usa este recurso em todas as aulas em detrimento de outras dinâmicas mais pertinentes, diminuindo a sua eficácia e a qualidade das aulas; *vídeo-perfeição* – quando os professores não recorrem ao vídeo por considerarem que não existem vídeos sem defeitos de informação ou estéticos, esquecendo-se que podem usá-los para questionar os alunos; *só vídeo* – sempre que o vídeo é visionado sem ser

contextualizado com o tema da aula, sem haver discussão sobre o mesmo nem repetição das partes mais importantes.

Em relação às **propostas de utilização adequada**, o autor aconselha os professores a começarem a exibir vídeos mais simples e depois introduzirem os mais complexos. Neste contexto, o vídeo pode ser usado adequadamente como:

- ✓ *Vídeo-sensibilização* – quando é usado para introduzir um novo tema, estimular a curiosidade e a motivação para novos temas. Irá fomentar, nos alunos, o desejo de pesquisa para aprofundar o tema do vídeo e da matéria;
- ✓ *Vídeo-ilustração* – quando ajuda a mostrar o assunto da aula e a compor o que é desconhecido para os alunos, isto é, ao trazer para a sala de aula uma realidade distante, faz com que essa realidade se aproxime;
- ✓ *Vídeo-simulação* – vídeo que exemplifica experiências de laboratório, que normalmente exigem muito tempo e recursos;
- ✓ *Vídeo-conteúdo de ensino* – quando expõe um tema de forma direta, informando especificamente sobre esse tema e orientando a sua interpretação, ou de forma indireta, informa sobre um tema, permitindo abordagens múltiplas, interdisciplinares;
- ✓ *Vídeo-produção* – pode ser usado de três formas distintas, como *documentação* (o vídeo contém registros de eventos, aulas, estudos, experiências, entrevistas e depoimentos), como *intervenção* (o professor modifica o vídeo, acrescentando novos dados ou compactando os existentes, por forma a dar-lhe um novo significado, mais próximo do contexto dos alunos) e como *expressão* (quando os alunos são incentivados a produzir um vídeo acerca de determinado tema, para um trabalho interdisciplinar ou um programa informativo);
- ✓ *Vídeo-avaliação* – permite avaliar o professor, os alunos e o processo de ensino-aprendizagem. Também chamado de *vídeo-espelho*, por permitir visualizar as autoscopias realizadas e assim analisar o grupo-turma, o papel desempenhado por cada um, incluindo o do professor. A partir desta análise podem identificar-se as qualidades e os defeitos a corrigir;
- ✓ *Vídeo-integração/suporte* – pode ser usado de duas formas distintas, como suporte *da televisão e do cinema* (gravação em vídeo de programas televisivos importantes para utilizar na sala de aula e aluguer/compra de filmes e documentários) e *interação com outros média* (computador, videodisco, CD-ROM, CD-I, videofone; permitindo interligar professores com professores de

outras escolas e com grupos de alunos, abrindo as salas de aula para novos intercâmbios pedagógicos e comunicacionais).

No que diz respeito ao **visionamento do vídeo**, o autor descreve o respetivo procedimento. Assim, antes da sua exibição o professor deve visualizar o vídeo e averiguar a sua qualidade. Quando o vai mostrar aos alunos deve limitar-se a prestar informações gerais, como autor, duração, prémios, entre outros. Não deve fazer qualquer tipo de interpretação, para que cada aluno faça a sua leitura. Durante a exibição o professor deverá tomar nota das partes mais importantes, se for necessário fazer algum comentário, deverá colocar em pausa e depois continuar com a visualização. Também deve observar as reações dos alunos. Após o visionamento é essencial rever as partes mais importantes, no caso de ser um vídeo complexo é necessário visioná-lo outra vez e chamar à atenção dos alunos para os aspetos mais importantes.

Relativamente às **dinâmicas de análise**, o autor apresenta várias hipóteses, a que o professor pode recorrer, para tirar o máximo partido deste recurso didático, a saber:

- ✓ Leitura em conjunto – o professor assume o papel de moderador, mostra as partes mais importantes e comenta-as com os alunos, partindo das questões que estes colocam;
- ✓ Leitura globalizante – tem por objetivo após a visualização colocar quatro questões (aspetos positivos do vídeo; aspetos negativos; principais ideias que transmite; o que mudariam neste vídeo). Consoante o tempo disponível, o professor pode pedir aos alunos para inicialmente responderem em pequenos grupos e depois para a turma. Professor e alunos identificam as coincidências e divergências, o professor realiza a síntese final, informando a turma dos aspetos mais focados, que expressam os valores dos alunos;
- ✓ Leitura concentrada – após o visionamento, o professor escolhe uma ou duas partes mais relevantes, exhibe-as novamente e coloca as seguintes questões (oralmente ou por escrito): O que chama mais a atenção?; Que significado tem?; Quais as consequências/aplicações para a nossa vida?;
- ✓ Leitura “funcional” – antes do visionamento, o professor distribui várias funções ou tarefas a realizar pelos alunos, descrevendo sumariamente o que têm de fazer. Após o visionamento cada aluno informa o resultado a que chegou e o mesmo é colocado no quadro. A partir desses resultados, o professor completa

as informações em falta com os alunos, relaciona os dados e questiona as soluções apresentadas;

- ✓ Análise da linguagem – tem por base analisar a história narrada atendendo a: Que história é narrada?; Como é narrada?; Que ideias passa?; Que tipo de ideologia está presente?;
- ✓ Completar o vídeo – o vídeo é visionado até um determinado ponto, depois o professor pede para que os alunos, em grupo, desenvolvam o final e justifiquem o porquê da escolha. Depois é visionado o final do vídeo e comparam-se os finais propostos pelos alunos. Por fim, o professor expõe a sua opinião;
- ✓ Modificar o vídeo – é pedido aos alunos para pesquisarem vídeos e outros materiais audiovisuais sobre um determinado tema e para, modificarem, adaptarem, editarem, narrarem e sonorizarem de forma diferente. O objetivo é criarem um recurso que corresponda à sua realidade e sensibilidade;
- ✓ Vídeo-produção – com o objetivo de narrar em vídeo um determinado tema, é pedido aos alunos que recorram a diversas fontes de pesquisa, elaborem o roteiro, gravem, editem e sonorizem o vídeo, que será visionado em turma. No final, analisa-se o trabalho realizado e compara-se a intenção com o resultado obtido;
- ✓ Vídeo-espelho – esta modalidade consiste na análise de autoscopias, com o objetivo de cada participante comentar o seu desempenho e o dos outros;
- ✓ Outras dinâmicas interessantes – *dramatizar* (aspectos importantes do vídeo já visionando, dando liberdade aos alunos para adaptarem à sua realidade, com o intuito de no fim comparar a história do vídeo com a apresentada pelos alunos); *adaptar* (o vídeo à turma, através do relato oral, escrito ou audiovisual se situações pessoais próximas das exibidas no vídeo); *desenhar* (numa tela o que mais impressionou os alunos e mostrar à turma, com o objetivo de comentar as principais coincidências e o seu significado) e *comparar* (um vídeo acerca de uma obra literária com o texto original, salientando os pontos fortes e fracos).

O autor também sugere algumas atividades a realizar através da comparação da informação passada pela televisão, nomeadamente nos programas de informação, como o telejornal, e o destaque dado a essa informação pelos jornais impressos. O objetivo destas atividades é levar os alunos a analisarem criticamente a informação, com o auxílio de questões de análise disponibilizadas pelo professor, e a aperceberem-se da ênfase que lhe é dada pela televisão e pelos jornais impressos,

isto é, o porquê da seleção parcial de notícias e da relativização ou espetacularização de outras. É ainda sugerida a distribuição de jornais iguais aos alunos, que em grupo vão elaborar uma notícia radiofônica acerca da informação contida nos jornais, com o objetivo de analisar as coincidências e as diferenças com que cada grupo selecionou e trabalhou a mesma informação inicial, o que permite demonstrar a ideologia de cada um.

Reflexão crítica

O vídeo é um recurso que permite enriquecer a qualidade do trabalho realizado pelo professor com os seus alunos. Tal como refere o texto, este recurso apresenta várias potencialidades, que para serem usadas em plenitude, devem ser integradas nos conteúdos a lecionar e com outras dinâmicas, a desenvolver em contexto de sala de aula.

Deve ser encarado como um recurso que permite completar a informação que o professor tem que transmitir aos seus alunos e, dependendo do contexto em que for utilizado, pode servir para: introduzir um tema e assim suscitar a curiosidade dos alunos em relação ao mesmo; completar informação relativa a conteúdos já lecionados e permitir uma melhor apreensão dos mesmos pelos alunos; lançar o debate e a reflexão de um tema pertinente, permitindo desenvolver o pensamento crítico; simular determinadas situações que de outra forma seria impossível transmitir aos alunos e outras formas que o professor considere adequadas.

Tal como outro recurso ao serviço da prática letiva, exige: uma planificação; contextualizar os alunos antes do seu visionamento; chamar a sua atenção para os assuntos mais importantes e revê-los se for necessário; e a entrega de um guião de exploração aos alunos, que os direcione para o que é esperado reterem com a visualização do vídeo.

A dinâmica de análise do vídeo dependerá do tipo de vídeo visionado e do contexto em que foi utilizado, sendo importante levar os alunos a refletir, sintetizar as aprendizagens realizadas e integrá-las com os conteúdos em estudo.

Referências Bibliográficas

Moran, José Manuel (1995). O vídeo na sala de aula. In *Comunicação & Educação*. São Paulo, ECA-Ed. Moderna, [2]: 27 a 35, jan./abr. de 1995